

que o martirizavam. Adquirira a noção de que se reabilitara, perante a própria consciência. Trouxera aos ex-adversários o próprio coração em forma de visita fraterna. E as suas próprias forças insufladas no campo orgânico da mulher que lhe fora a bem-amada, como que lhe favoreciam a ausência dos velhos pensamentos de mágoa que, por tanto tempo, lhe haviam flagelado a vida íntima.

Registando-lhe a queda de energias, o médico ministrou-lhe, de imediato, os recursos aconselháveis, permanecendo Mário, desse modo, cômodamente instalado em larga poltrona, junto dos amigos.

Despediu-se o facultativo, mais animado.

Antonina, sem afetação, ajudou no preparo do café, que foi saboreado por todos, enquanto a conversação era reatada com alegria.

Foi então que a viúva se ofereceu para voltar.

Era industriária e, na posição de mãe, responsabilizava-se por três crianças, entretanto, poderia dispor de dois dias.

Amaro salientou a dificuldade para encontrar uma enfermeira ou governanta para horas difíceis e aceitou a gentileza.

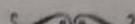
Antonina, contente, prometeu regressar, trazendo Lisbela, na manhã seguinte. Estava convenida de que a menina conseguiria entreter Zulmira, com as suas infantilidades, mitigando-lhe o coração saudoso de mãe.

Evelina abraçou-a, encantada. Simpatizara-se com Antonina, como se fôssem duas irmãs.

Algo reanimado e positivamente feliz, Mário dispôs-se à retirada e um táxi foi trazido.

Num ambiente de construtiva cordialidade, desenvolveu-se a reconfortante despedida.

E Silva, fitando a companheira de excursão com reconhecimento e carinho, sentiu-se reconciliado consigo mesmo, irradiando a alegria silenciosa de quem retorna à felicidade.



### XXXVII

## REAJUSTE

Quando os amigos se afastaram, Clarêncio cercou Zulmira de cuidados especiais, aplicando-lhe passes de reconforto.

A injeção de sangue renovador lhe fizera grande bem.

Pouco a pouco, acomodaram-se-lhe os centros de força.

Desde a desencarnação do filhinho, a pobre criatura não desfrutava tão acentuado repouso, quanto naquela hora.

Nosso instrutor recomendou a Odila preparasse o pequeno Júlio para o reencontro com a maezinha.

Zulmira vê-lo-ia, buscando energias novas.

E enquanto nossa irmã se distanciava para o desempenho da missão que lhe fora cometida, o orientador falou, otimista:

— Um sonho reconfortante é uma bênção de saúde e alegria para os nossos irmãos encarnados.

Iamos responder, mas a doente, à semelhança das pessoas na hipnose profunda, levantou-se em Espírito, contemplando-nos, surpresa.

O olhar dela, admiravelmente lúcido, falava-nos de sua ansiedade maternal.

Clarêncio afagou-a, como se o fizesse a uma filha, rogando-lhe calma e fé.

Desdobrava-se-lhe a preleção carinhosa, quando partimos.

Amparada em nossos braços, Zulmira volitou sem perceber.

Observei que o espetáculo magnificente da Na-

tureza não lhe feria a atenção. Introvertida, apenas a imagem da criancinha morta lhe ocupava a tela mental.

O Lar da Bênção mostrava-se maravilhoso.

Flores de rara beleza coloriam a estrada e embalsamavam-na de suave perfume.

Aqui e ali, doces melodias vibravam no ar.

A glória fulgurante do céu induzia-nos à oração de reverência e louvor ao Pai Celestial, mas a pobre mulher que seguia conosco parecia insensível à excelsitude do ambiente, à face da tortura interior de que se via possuída, obrigando-me a reconhecer, mais uma vez, que o paraíso da alma, em verdade, reside onde se lhe situa o amor.

Reparei que para a devoção afetuosa de Zulmira não importava o rumo. Qualquer indagação, perante aquela ternura atormentada, resultaria inútil.

Creio que, se, ao invés da resplandecente luz do Lar da Bênção, apenas vissemos trevas, para aquele espírito agoniado de mãe o quadro seria de verdadeiro paraíso, desde que pudesse reter nos braços o filhinho inesquecível.

Quem poderá definir com exatidão os indevasáveis segredos que Deus colocou nos corações que amam?

Quando penetrámos o berçário, onde o menino repousava, sob a abnegada vigilância de Odila e Blandina, a sofredora mãezinha tentou arrojar-se sobre a criança sonolenta, sendo delicadamente advertida por nosso orientador, que a sustentou, paternal, asseverando:

— Zulmira, não perturbes o pequenino se o amas.

— E' meu filho! — bradou, semi-desvairada.

— Não ignoramos que Júlio se asilou na Terra em teu regaço e, por isso, fomos teus companheiros na presente viagem para que amenizes a tua dor. Entretanto, não admitas que o egoísmo te ensombrasse a alma!... Certamente, o carinho ma-

terno é um tesouro inapreciável, contudo, não devemos olvidar que todos somos filhos de Deus, nosso Eterno Pai! Acalma-te! Pede ao Senhor os recursos necessários para que o teu devotamento seja um auxílio positivo ao pequenino necessitado!...

Tocada por essas palavras, Zulmira desfez-se em pranto.

Enlaçada afetuosamente por Odila, que tentava soerguer-lhe o ânimo, reconheceu a primeira esposa de Amaro e recordou a luta que haviam atravessado, quando do afogamento do pequeno irmão de Evelina.

O remorso voltou a refletir-se-lhe na mente e, atribulada, exclamou:

— Odila! perdoa-me, perdoa-me!... agora vejo o inferno que te impus, despreocupando-me de teu filhinho... Hoje, pago com lágrimas minha desplorável despicância! Ajuda-me, querida irmã!... Sê para o meu Júlio a guardiã que não fui para o teu!

A interpelada acariciou-a, compadecidamente, e ajuntou:

— Tem paciência! a aflição é um incêndio que nos consome... Paguemos à vida o tributo da conformação na dor, para que sejamos efetivamente dignas do socorro celestial...

E, beijando-a nos olhos, aduziu:

— Enxuga as lágrimas que te fustigam inutilmente. A serenidade é o nosso caminho de reestruturação espiritual. Não te reportes ao passado... Vivamos o presente, fazendo o melhor ao nosso alcance.

— Agora, porém, que sofro as agruras de minha prova — acentuou Zulmira, em tom amargo —, penso em teu anjinho...

Odila, conchegando-a de encontro ao peito, conduziu-a para mais perto do menino adormecido e, indicando-o, aclarou, satisfeita:

— Ouve! meu filhinho é também o teu. Júlio de hoje é o nosso Júlio de ontem. Pesados compromissos com o pretérito obrigaram-no a aceitar

as dificuldades do momento... Em nosso aprendizado de agora, teve a existência frustrada por duas vezes, a fim de valorizar, com segurança, a bênção da escola terrestre.

Ante a companheira perplexa, acrescentou, convincente:

— O corpo de carne é uma veste que o nosso Júlio usou de dois modos diferentes, por nosso intermédio.

E sorriu:

— Como vemos, somos duas mães, partilhando o mesmo amor.

Notávamos que Zulmira, admirada, estimaria algo perguntar, mas o choque da revelação como que lhe imobilizara a garganta.

No imo da alma, decerto algo lhe alterara o campo emotivo.

Secaram-se-lhe as lágrimas, ao passo que o olhar se lhe fazia mais brilhante.

Afigurava-se-nos uma estátua viva de intraduzível expectação.

Sem resistência, deixou-se conduzir pelos braços de Odila até um leito próximo, para ajustar-se ao repouso preciso.

Agora sim — pensava, surpreendida —, começava a compreender... Júlio prematuramente expulso da experiência material pelo afogamento, ao mundo tornara em nova tentativa que redundara em frustração...

Porquê? porquê?

O pensamento dolorido intentava penetrar os segredos do tempo, arrastando-a ao passado remoto, mas o cérebro doía-lhe, dilacerado... Realmente, não lhe seria possível naquelas circunstâncias, qualquer incursão no domínio das reminiscências, mas percebia, enfim, a Bondade Eterna que reúne as almas nos mesmos laços de trabalho e esperança do caminho redentor... Lembrou a animosidade fria que experimentara por Júlio, logo após

seus esponsais, e o imanifesto ciúme que nutria, diante das atenções que Amaro lhe dispensava, e reconheceu que a Providência Divina, ligando-o ao seu coração de mãe, lhe sublimara os sentimentos...

Agora sentia por ele inexpressável carinho e iluminado amor...

De espírito assim transformado, via em Odila não mais a rival, mas a benfeitora que, sem dúvida, lhe seguiria de perto a transfiguração.

Enlaçou-se a ela, em pranto silencioso, qual se lhe fora filha a ocultar-se nos braços maternais.

A primeira esposa de Amaro, imensamente comovida, correspondia-lhe as manifestações afetivas, afagando-lhe os cabelos.

— Convém-lhe o repouso — afirmou Clarécio, amigo —, qualquer recordação agora lhe agravaria o conflito mental.

Odila desembaraçou-se da companheira, deixando-a a sós no descanso justo, e seguiu-nos.

Despedindo-nos, o instrutor aconselhou fôrma Zulmira mantida no berçário mais algumas horas. Desse modo, o corpo denso seria mais amplamente beneficiado pelo sono reparador.

Voltaríamos para reconduzi-la à residência terrestre, de maneira a garantir-lhe, tanto quanto possível, as melhorias gerais.

Afastámo-nos, assim, para regressar em breve.

Com efeito, transcorrido o tempo que o nosso instrutor julgou indispensável, tornámos ao Lar da Bênção para restituir nossa amiga ao ninho distante.

O relógio marcava nove da manhã, quando a enferma, sob a nossa vigilância, despertou no corpo físico.

Zulmira, retomando o equipamento cerebral mais denso, não conseguiu articular a lembrança da excursão que se lhe afigurou, então, delicioso sonho.

Guardava a impressão nítida de que revira o

filhinho em «alguma parte» e semelhante certeza lhe restaurara a calma e a confiança.

Sentia-se mais leve, quase feliz.

Evelina, atendendo-lhe o chamado, identificou-lhe as melhorias, rendendo graças a Deus.

A jovem, contente, trouxe Antonina e Lisbela ao quarto. A viúva chegara cedo com a filhinha, com o melhor desejo de cooperar.

A doente saudou-as, satisfeita. Recordava-se, de modo impreciso, da noite anterior e agradeceu o cuidado de que se via objeto. Aceitou o café substancioso que lhe foi trazido e tão reanimada se sentia que, sem qualquer cerimônia, confiou a Antonina as impressões renovadoras de que se via dominada.

Permanecia convicta de que vira Júlio e abraçara-o... Onde e como? não saberia dizer. Mas o contentamento que a felicitava era bem o testemunho de que recolhera naquela noite benefícios reais.

— Felizmente, a transfusão de sangue foi coroada de pleno êxito! — exclamou Evelina, encantada.

— Sim — disse Antonina, concordando —, a providência terá sido das mais proveitosas, no entanto, estou certa de que dona Zulmira terá reencontrado o filhinho no plano espiritual, readquirindo novo ânimo para a luta.

Aquela asserção confiante foi registada pela enferma com sincera alegria.

— A senhora julga então possível? — indagou a dona da casa, de olhos faiscantes.

— Como não? — aduziu Antonina, confortada — a morte não existe como a entendemos. Do Além, nossos amados que partiram estendem-nos os braços. Tenho igualmente um filho na Vida Maior que vem sendo para mim precioso sustentáculo.

A enferma demonstrou invulgar interesse na conversação.

Há momentos na vida em que somos castigados pela fome de fé e Antonina era uma fonte irradiante de otimismo e firmeza moral.

Evelina e Lisbela retiraram-se para o interior da casa, atentas à limpeza doméstica e as duas amigas passaram a mais íntimo entendimento.

A colaboração de Antonina fora realmente providencial, porque, ao deixarmos o domicílio do ferroviário, reparámos que Zulmira, de alma restaurada, ao toque de novas esperanças, mostrava no rosto a tranquilidade segura de abençoada convalescência.

